

Mediadores culturais: a transferência dos centros da imprensa judaica e hebraica da Europa para a América na segunda metade do século XIX¹

Gideon Kouts

O pioneiro da imprensa judaica em inglês nos Estados Unidos foi o *The Jewish* [O Judeu] (Nova York, 1823-1825), jornal publicado mensalmente, que buscava ser um contraponto às atividades missionárias cristãs. O primeiro jornal semanal apareceu em 1843: *The Occident* [O Ocidente], de Isaac Lissner, na Filadélfia.

Os anos de 1880 foram um período de crescimento da imprensa iídiche, estimulado pela intensa imigração proveniente da Rússia e pela formação do movimento operário judaico. Mas antes disso, já em 1872, surgia em Nova York o primeiro jornal semanal em hebraico, *Ha-Tsofé Ba-Aretz ha-Hadasha* [O Observador do Novo País]. O processo de transformação sofrido pelo iídiche dos novos imigrantes – de uma forma oral e verbal para um conjunto de signos impressos – enfrentou inicialmente uma série de dificuldades. O primeiro periódico em iídiche nos Estados Unidos foi o *Die Post* [Correio], de Henry Gerson, surgido em 1872. A imprensa em hebraico era feita principalmente por jornalistas e intelectuais judeus da Europa central e oriental, que levaram para os Estados Unidos seu interesse pela comunidade judaica europeia e também pelos problemas enfrentados, além das lutas ideológicas e os conflitos profissionais (como a querela entre M. L. Rodkinsohn, o “Hassid de esquerda”, e seu principal crítico e detrator, Ephraïm Deinard). Alguns tinham escapado de perseguições políticas, como A. S. Liebermann, redator-chefe do primeiro jornal socialista em hebraico *Ha-Emet* [A Verdade]. O primeiro jornal diário em iídiche, *Yiddische Tagenblatt*, surgiu em 1885. Em 1897, o ilustre militante radical “Abe” Cahan fundou o *Forverts* [Para Frente], o “maior periódico diário em iídiche do mundo”, que era, no início, socialista, e depois se tornou sionista. Nos anos de 1920, a imprensa em iídiche nos Estados Unidos conseguiu, mais do que qualquer organização ou movimento, definir a identidade judaica (sobretudo

¹ Tradução de Marília Garcia.

nos meios operários). A “americanização” crescente das novas hordas de imigrantes, bem como das anteriores, pôs fim à “idade de ouro” da imprensa ídiche americana. Não obstante, ela se espalhou para além-mar, por outras diásporas judaicas, como na América Latina, enquanto a imprensa hebraica tinha quase exclusivamente a Palestina como principal centro cultural e industrial.²

Contudo, no que diz respeito ao hebreu e à cultura hebraica, a descrição clássica e convencional das atuais pesquisas – que mostram uma simples transferência de centros culturais: editoras, literatura e imprensa diária teriam se trasladado, no começo do século XX, da Europa para a Palestina-Israel – ignora as mais importantes e significativas transferências ocorridas na segunda metade do século XIX da Europa para a América; primeiro, para os Estados Unidos; e, depois, para a América do Sul. Cada leva de emigrantes para o novo continente transportou consigo seus “equipamentos” e representações culturais, primeiro da Alemanha, depois da Rússia; a emigração, quase sempre forçada pela hostilidade antijudaica do meio e por acontecimentos específicos (como, por exemplo, a expulsão dos judeus de Moscou em 1891), incluiu também escritores e jornalistas. E eles foram lá o que já eram no período europeu: empreendedores culturais que levavam consigo as transformações culturais da sociedade judaica; o ato de partir, em geral de modo precipitado, mas às vezes de modo planejado, fez deles mediadores culturais. E como todas as transformações e as grandes correntes do pensamento judaico do fim do século passavam por eles, eles exportaram-nas e alojaram-nas no novo mundo judaico que se instalava do outro lado do oceano, integrando-os na cultura local.

Considerando que a imprensa hebraica sempre fora, até então, uma imprensa transnacional por definição, devido ao estatuto específico dessa língua no judaísmo, o papel desempenhado por eles foi mais o de guardiões e transmissores do Estado cultural, de fundadores de uma república das letras a mais, no centro dos espaços públicos judaicos, mantendo a Europa como núcleo duro e referência cultural. Se a cultura ídiche foi paradoxalmente marcada, a partir de um primeiro processo de guetização, pelas tendências de integração do modelo social (comunitário) local, mais adaptado às suas necessidades do que as alternativas

² KOUTS, Gideon. Jewish media and communication in the modern age. In: SIMONSON, Peter et al. (Org.). *The handbook of communication history*. Nova York: Routledge, 2013. p. 453-466.

européias, também a imprensa em inglês correspondia aos objetivos conhecidos do “iluminismo judaico”, a *Haskala* na Europa, movimento encorajado, sobretudo, pelas autoridades russas, com o objetivo de integrar os judeus à cultural geral.³ No entanto, cabe assinalar que as mídias hebraicas e judaicas “imigradas” para os Estados Unidos já traziam a marca de certa “Pós-Haskala”, o que explicaria a adesão, por parte dessa imprensa, das novas grandes ideias do socialismo vs. capitalismo e, no caso judaico, do sionismo. Essa evolução não foi exclusividade da comunidade judaica, mas de todas as comunidades de imigrantes que compuseram a nação, ou as nações americanas, realizando ali trocas culturais. Apesar de já haver uma importante comunidade judaica nos Estados Unidos, as novas levas dos anos de 1880 foram as responsáveis pela criação da maior e mais potente diáspora judaica do mundo; daí a importância de sua constituição cultural e da instalação de novos centros culturais no continente americano. Se o surgimento da cultura americana ainda estava, naquele fim de século, subordinado à centralidade da Europa, no que diz respeito à instituição da imprensa, ocorre uma transferência do centro de gravidade das teorias e práticas do jornalismo mundial para o modelo americano, que valorizava a objetividade e a popularidade.

Na segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, a “popularidade” e a “objetividade” eram as duas tendências marcantes da “nova” imprensa mundial e refletiam os novos ideais dos seus realizadores, em um contexto de importantes transformações sociais.

A imprensa “popular” buscava conquistar um público leitor novo, mais amplo e pertencente a meios que ainda não estavam familiarizados com a mídia jornalística (os que ainda não sabiam ler e escrever, ou que não dominavam a língua utilizada pela imprensa do país, ou, ainda, os que preferiam outras mídias – como as histórias ilustradas ou apresentações ao vivo). Para conquistar esse público, os jornais apelavam, sobretudo, para o preço baixo e para a adaptação dos temas, e da própria periodicidade, às necessidades da nova sociedade – da classe média ou baixa, urbana, e até as classes populares trabalhadoras. Também procurava: atender ao quesito “entretenimento”, adotando uma estrutura “nar-

³ KOUTS, Gideon. *La presse hébraïque en Europe, ses origines et son évolution de 1856 à 1897*. v. 1. Lille: Septentrion Presses Universitaires, 1999. p. 17-131.

rativa” [story] nos artigos e introduzindo romances-folhetins populares, com histórias “fantásticas”; priorizar o aspecto “humano”, simplificando o vocabulário e a linguagem escrita, mesmo ao tratar de temas complexos; dar mais importância à ilustração e deixar o texto mais arejado. Tratava-se de alcançar as massas, mas a “popularidade” não se contrapunha necessariamente à “objetividade”.

No século XIX, o ideal de “objetividade” se expressava, cada vez mais, no respeito aos “fatos”, em detrimento dos “valores”.⁴ Os jornais que tinham adotado o modelo “informativo”, ou seja, que tinham priorizado mais a informação bruta do que a “narrativa”, desejavam com essa escolha assinalar sua singularidade e ampliar o público leitor, apesar das vantagens da imprensa de “entretenimento”. Em outras palavras, eles queriam alcançar certa “popularidade” pelo viés da “objetividade”. No entanto, como observa Schudson,⁵ essa imprensa não era necessariamente mais “precisa” do que a outra. O gênero apenas foi adaptado para o potencial leitor. Do ponto de vista ideológico, a “objetividade” de um jornal podia se manifestar por meio da publicação de opiniões diferentes ou mesmo contraditórias (pluralismo), ou pela ausência de qualquer tomada de posição ideológica (neutralidade, com exceção de algumas bases ideológicas “admitidas de modo geral” na sociedade em questão). Desse ponto de vista, a imprensa hebraica na Europa não se diferenciava das tendências mundiais. Apesar da sua especificidade, a sociedade judaica da Europa central e oriental era influenciada por processos sociais e culturais mais amplos. Por que não comparar, por exemplo, a experiência da imprensa hebraica na Europa (que desejava conquistar um vasto público de leitores que falassem iídiche, público “popular” por excelência) à dos jornais editados pelo “rei” da imprensa, Pulitzer, ele próprio um imigrante judeu húngaro, que tinha como alvo os imigrantes dos anos de 1880 nos Estados Unidos (dentre os quais, muitos judeus da Europa oriental), aos quais oferecia uma imprensa escrita em um inglês acessível?

De modo geral, é possível distinguir dois períodos na criação da imprensa popular do século XIX na Europa.⁶ O primeiro – anos 60 e 70 – é o do sur-

⁴ BOOTH, Wayne. *Modern dogma and the rhetoric of assent*. Chicago: University of Chicago Press, 1974. p. 14-15.

⁵ SCHUDSON, Michael. *Discovering the news*. Nova York: Basic Books, 1978. p. 31-81.

⁶ ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. *Histoire de la presse*. Paris: PUF, 1974. p. 56-75; KOUTS, Gideon. *La presse hébraïque en Europe*. v. 2. p. 500-501; KOUTS, Gideon. *The Hebrew and Jewish press in Europe: select problems in its history*. Paris: Suger, 2006. p. 106-109.

gimento de uma imprensa popular econômica, cujo preço reduzido refletiu-se em um aumento na difusão. Este período é caracterizado pela adoção do romance-folhetim popular e das histórias fantásticas, e é marcado ainda por uma orientação educativa, no sentido de oferecer uma informação de base facilmente acessível, aproximando-se da massa, assim, nos seus próprios termos. O segundo período – anos 80 e 90 – é marcado por uma “nova” imprensa popular (que se inspira basicamente no modelo americano). Essa imprensa privilegia a narrativa “humana” e o entretenimento, busca o tom sensacionalista, adota novas técnicas de reportagem, que reforçam a importância do repórter e da informação, em detrimento dos comentaristas e dos “editoriais”. Na função de representante do “povo”, ela não se abstém, contudo, de tratar dos assuntos políticos do momento; enfim, ela inaugura uma nítida divisão de papel entre editor e redator-chefe, fortalecendo o poder do editor, que será ainda mais acentuado no século XX.

A imprensa hebraica na Europa atingiu sua forma moderna mais tarde do que suas colegas. Apesar da condição de imprensa minoritária, submetida a diversas pressões, confrontada com a dificuldade constante de encontrar a própria linguagem e destinada a um público que enfrentava os mesmos obstáculos que ela, essa imprensa se integrava, como foi dito, nas tendências gerais. Evidentemente, as “massas” hebraístas, que eram seu alvo, contavam apenas com alguns milhares de leitores potenciais.⁷

Além dos concorrentes, podemos citar dois jornais que se destacaram nas duas levadas da imprensa popular voltada para os leitores hebraístas: *Haqol* e *Hayom*. Naturalmente são os dois que primeiro adotaram uma periodicidade mais frequente que os outros. *Haqol*, fundado em 1876, em Königsberg, foi o primeiro jornal hebraico moderno a ser publicado duas vezes por semana. Seu concorrente vienense, *Hamabit*, só saiu durante mais ou menos seis meses, em 1878. Ambos tinham como alvo, sobretudo, os judeus da Rússia e da Polônia, em um contexto de radicalização das tendências populares no campo da ideologia política (socialismo e nacionalismo) e do surgimento de um realismo social na literatura, ao qual a imprensa hebraica daquele século estava intimamente ligada. Dentre os que anunciavam esse realismo estava uma obra crítica da imprensa hebraica,

⁷ KOUTS, Gideon. *La presse hébraïque en Europe*. v. 1. p. 97-108.

Heqer Davar [No fundo das coisas], de A. Kovner. *Hayom*, fundado em 1886 em São Petersburgo, foi o primeiro jornal diário em hebraico; seu surgimento obrigou os concorrentes, *Hamelitz*, de São Petersburgo, e *Hazefira*, de Varsóvia, a adotar a mesma periodicidade. Além de seu principal concorrente, o *Hazefira* foi também seu sucessor na tentativa de adoção do modelo popular.

O advento de um “novo jornalismo” em hebraico coincide com o “novo passo” [*hamahalakh hehadash*] da literatura hebraica, movimento que buscava, entre outras coisas, modernizar a língua, abri-la para influências estrangeiras e dar destaque ao elemento humano e individual na escrita. A “objetividade”, que representou uma tendência e um meio importante nesses dois períodos, foi adotada de diversas formas pelos diferentes jornais. É claro que o “novo jornalismo” despertou a ira da maioria conservadora, mas ele não deixou de devolver os golpes que recebia.

O novo período iniciado com o primeiro congresso sionista de 1897 e com a criação da organização sionista mundial (que imprime, pela primeira vez, uma feição política moderna ao mundo judaico) anunciou também o nascimento de uma imprensa judaica e hebraica moderna ligada a partidos políticos. Essa imprensa de partidos se tornou, no século XX, a principal forma da imprensa hebraica e, ao mesmo tempo, a sua “razão de ser”; e isso foi possível à custa do antigo modelo da imprensa ideológica ou do modelo popular. Para a imprensa, essa transformação é o reflexo da passagem do período judaico das Luzes [*Haskala*] para o “Renascimento” [*Tehiya*], e seu significado prático é a regularização da imprensa hebraica e seu desenvolvimento somente na Palestina.⁸

A ambição de se tornar “popular” foi, portanto, uma tendência marcante da imprensa hebraica europeia nas duas últimas décadas do século XIX. Ela era motivada, sobretudo, pela quantidade reduzida de leitores potenciais do hebraico. Nesse período de transição e crise na história dos judeus europeus, sobretudo na Europa oriental, onde havia uma maior concentração deles, a imprensa hebraica teve, no entanto, dificuldade para se libertar do contexto ideológico e do ambiente que a circundavam, sempre a serviço de grupos e ideias. O uso da língua hebraica esbarrava na ideia bastante difundida de que o hebraico só poderia ser usado para

⁸ KOUTS, Gideon. *La presse hébraïque en Europe*. v. 2. p. 503; KOUTS, Gideon. *The Hebrew and Jewish press in Europe: select problems in its history*. Saint-Denis, France: Sugar Press, 2006. p. 145-149.

fins “sérios”, por causa do seu caráter de língua sagrada secularizada e, portanto, portadora de ideologia. Como a imprensa hebraica assumia quase sozinha a responsabilidade de promoção e difusão da literatura hebraica, a necessidade de participar da renovação e do enriquecimento da língua revelava-se uma pesada imposição.

Dois jornais importantes representaram as duas etapas na tentativa de criação de um “novo jornalismo popular” hebraico na Europa. Ambos consideravam a “objetividade” jornalística como um meio de popularizar a imprensa e cada um a aplicava ao seu modo.

Hakol (1876-1893), editado por M. L. Rodkissohn, considerava a objetividade resultado do pluralismo e abriu suas páginas para ideias vindas de diferentes correntes. Foi assim que, apesar de seu editor fazer parte da corrente judaica do chassidismo, o jornal foi o único da imprensa de atualidades institucionalizada que ofereceu o espaço de uma coluna a autores de orientação socialista. No que se refere à língua, *Hakol* deixava os autores livres para se expressarem em seu próprio estilo e linguagem, sem dar importância à “pureza” da língua e do estilo, nem à contribuição do jornal para a divulgação do hebraico. Do ponto de vista da escrita jornalística, *Hakol* adotou o modelo do entretenimento narrativo. Seu objetivo era, antes de tudo, divertir o leitor por meio da estrutura narrativa das reportagens, oferecendo, com essa abordagem, uma liberdade de expressão extrema no domínio editorial. As circunstâncias levaram seu editor a tentar a sorte nos Estados Unidos.

O fim dos outros jornais foi o anúncio do fracasso geral da imprensa hebraica na Europa. Ela não tinha conseguido realizar a passagem na direção da “popularidade”, algo indispensável para a sua modernização. No século XX, ela deixou essa função a cargo especialmente da imprensa em iídiche. O papel ideológico da língua hebraica, que tinha influenciado a imprensa hebraica, tornava a Palestina o terreno natural para o seu desenvolvimento em vários aspectos: imprensa de partidos, imprensa comercial, etc. Em seguida, o hebraico passou a servir quase que exclusivamente à ideologia sionista, conservando a tríplice ligação entre povo, território e língua. Aqueles que acreditavam na possibilidade de mantê-lo como língua da imprensa objetiva e popular fora da Palestina partiram para os Estados Unidos. Foi o caso de *Hakol* e de seu redator e “mediador cultural”, M. L. Rodkissohn:

Haḳol [A Voz]: [HÁ-QOL]

Anos de publicação: 1876-1893

Periodicidade:

Semanal (1876-1877)

Duas vezes por semana (de 4 de janeiro de 1878 a 24 de dezembro de 1878)

Semanal (a partir de 31 de janeiro de 1879)

Locais de publicação:

Fundado em Königsberg, a 7 de maio de 1876

24 de dezembro de 1880: último número publicado em Berlim

Publicado em Viena de 10 de dezembro de 1884-1885

Publicado em Nova York de 29 de março 1889-1890

24 de setembro de 1893: último número em Chicago

Editor: Mikhaël Levi Rodkinsohn

A metade da década de 1870 foi um período de crise para a imprensa hebraica que não tinha conseguido atender às expectativas de seus leitores e nem conquistar uma nova audiência. Costuma-se atribuir essa falha ao silêncio, por parte da imprensa, ou à sua inabilidade para tratar de problemas existenciais e ideológicos com os quais os judeus da Rússia viam-se confrontados, com o declínio do Iluminismo: o aumento do antissemitismo entre os membros da *intelligentsia*; o impulso tomado pelo movimento socialista; o surgimento de uma ideia de nação judaica; e as tentativas de melhorar a produtividade e a integração dos judeus na economia russa, por meio da difusão da agricultura e do aprendizado do ofício industrial. No plano internacional, marcado pelo início da guerra entre a Rússia e a Turquia, os leitores eram privados de informações, geralmente bloqueadas pela censura russa. Com efeito, os jornais hebraicos não tratavam de maneira adequada os problemas do momento: *Hazefira* concentrava-se na popularização da ciência, *Halevanon* tinha uma visão de mundo religiosa-ortodoxa, *Hamelitz* estava temporariamente fechado, e *Hashahar* só era publicado uma vez por mês. Segundo essa análise, os jornalistas, escritores e militantes judeus estavam em busca de um espaço que interessasse ao maior público possível, e esse espaço seria

oferecido a eles por um homem “de fora”, um recém-chegado ao “ofício”, que entraria ali para não mais abandonar a imprensa judaica e hebraica ao longo de sua movimentada vida. No entanto, cabe assinalar que, do ponto de vista dos leitores, a crise da imprensa hebraica não poderia ser explicada sem levar em conta uma verdadeira crise de confiança.

A imprensa do período *Haskala* esperava da parte do czar Alexandre II uma política de libertação, porém seus anseios foram frustrados. Ela tinha incitado o patriotismo russo sem prever a crise que estava por vir. Deste modo, o problema não era só a falta de notícias ideológicas na imprensa hebraica, mas também o cansaço dos leitores quanto às ideologias antigas e ao papel ideológico assumido pela imprensa. Ao mesmo tempo, a imprensa russa também os havia decepcionado ao publicar textos antisemitas; assim, fazia-se necessário um “novo jornalismo” em hebraico.⁹

Mikhaël Levi Rodkinssohn nasceu em 1845 em Dobrovna, Rússia, e faleceu em Nova York em 6 de janeiro de 1904. Era irmão de Israel Dov Frumkin, editor de *Havatsalet*, de Jerusalém. Também conhecido pela contração de suas iniciais Ra”z, cresceu no meio do chassidismo e publicou livros sobre o assunto, depois de ter fracassado nos negócios. Segundo declarações de seus detratores e inúmeros inimigos, que lhe atacavam no plano “moral”, ele estaria envolvido em problemas judiciais, tendo contraído dívidas com a bolsa de São Petersburgo. Segundo o poeta Aba”g, ele tinha chegado a São Petersburgo vestido como um notável alemão, depois de ter deixado de lado seu aspecto “chassídico”. Quando estava a ponto de ser detido pela emissão de letras de câmbio ilegais, fugiu da capital e trocou de nome. Instalou-se, então, em Königsberg, capital da Prússia oriental, onde fundou o *Hakol*, destinado aos judeus da Rússia, e várias outras publicações. O escritor socialista Moris Wintchevski (Ben Netz), que participava da redação do jornal, o descrevia¹⁰ como um homem cuja “única paixão” eram os jornais e que se inspirava no modelo americano para cumprir seu papel de editor (e, no fim das contas, ele tentou a sorte nos Estados Unidos):

⁹ ZITRON, Shmuel. Leib. Notes sur l’histoire de la presse hébraïque-Hakol. [Em hebraico]. *Haolam*, Londres, p. 337, 1927.

¹⁰ WINTCHEVSKI, Moris. Michaël Levi Rodkinssohn. [Em hebraico]. *Hatoren* 8-9, Nova York, p. 59, 1923-1927.

[...] sem senso de humor algum, pronto para se exasperar com seus detra-
tores, a atividade de redator era [...] tudo o que lhe interessava, toda sua
teoria, meta e objetivo na vida. Estar no topo de um jornal significava,
para ele, reinar sobre o povo e sobre os indivíduos. Não se entusiasmava
por nada mais no mundo, não era adepto nem de Baal Shem Tov nem de
Karl Marx. Não tinha nada de nacionalista nem de internacionalista. Não
compreendia o significado de nenhum princípio, nem na teoria nem na
prática. Não apoiava nenhuma filosofia clara e declarada. Era eclético sem
saber o que esta palavra significa [...]

Em suma, um profissional da imprensa, “objetivo” em todos os sentidos do
termo, um verdadeiro “novo jornalista” ao modo americano e, portanto, capaz,
graças a todas essas qualidades, de criar um jornal hebraico amplamente difun-
dido e “popular”. Segundo os termos de Zitron:¹¹

Veja como é extraordinário: este homem, que não tinha o menor traço
do gênio jornalístico e tampouco sabia escrever em hebraico, como seria
necessário, conseguiu atrair para *Hakol*, num tempo relativamente curto,
um grande número de leitores – especialmente na Rússia. Basta passar
os olhos rapidamente por seus próprios artigos para perceber que ele era
desprovido de cultura e de saber, que não tinha senso moral algum, nem
princípios invioláveis, pois ele passava de uma opinião a outra e de uma
orientação a outra; mas tudo isso não o impediu de ter uma grande quan-
tidade de assinantes no jornal nem de reunir ao seu redor os maiores escri-
tores em hebraico de sua época.

E o crítico confessa: “Não há outro exemplo como ele na história da imprensa
hebraica.”

Em vez de publicar um “folheto” ou um manifesto para anunciar o lança-
mento de seu novo jornal, Rodkinsohn preferiu fazer um exemplar como
amostra – *Ale Lemivhan* –, revelando, com isso, ter uma abordagem comer-
cial moderna. Para ele, o jornal era um “produto”, ponto de vista este que não

¹¹ ZITRON, Shmuel Leib. Notes sur l’histoire de la presse hébraïque-Hakol, p. 337.

agradava às almas sensíveis (Zitron fala cinicamente de “comportamento do pequeno comerciante”).¹² O *Probe Nummer* [número piloto] saiu no dia 7 de maio de 1876. A manchete embaixo do título anunciava: “A voz é de Jacob nas vinhas, do Deus dos Exércitos e da casa da Judeia, uma vez por semana ela fará ouvir tudo o que se vê e se faz em todos os horizontes do mundo, palavras sábias e científicas, histórias de pessoas ilustres, relatos de viagens, histórias agradáveis e revistas literárias”. Eis uma mistura ambiciosa, característica da imprensa popular. O lema do jornal era: “A sabedoria se expõe, a inteligência se exprime”. O número trazia um artigo-manifesto ambíguo, intitulado “*Divrei Emet Veshalom*” [*Palavras de verdade e paz*]. Nele, Rodkinsohn dividia a população em três tipos de pessoas: as do *Talmud*, os *hassidim* e os *maskilim* (as pessoas do Iluminismo, da *Haskala*). Atacava os *maskilim* e, sobretudo, os jornais da *Haskala*, mas não a própria *Haskala*; e, além disso, prometia: “Se a época exige a *Haskala* – estamos prontos para olhar nossos colegas nos olhos, sem diferença entre as religiões e as opiniões!” Em outras palavras, ele se dirige aos denominadores comuns e à objetividade. Os ataques virulentos e pessoais contra os jornais dos *maskilim* parecem ser de ordem comercial, em um gesto que se aproveita da decepção produzida pelas parcas conquistas do movimento Iluminista. A tendência de Rodkinsohn à “objetividade” ficou mais evidente na resposta publicada no primeiro número de *HaKol* (na seção *Kol Anout*, isto é, “A voz da resposta”) sobre uma pergunta do escritor Mikhal Pinés, que desejava saber qual era a “bandeira” do novo jornal. Rodkinsohn diz: “O leitor deve penetrar seu conteúdo, que lhe importa a sua bandeira?”

As seções que esperavam um julgamento do leitor incluíam as “questões políticas”, as “informações gerais” e as de “sabedoria e ciência” (estas eram acompanhadas do aviso “Não há espaço para comentários bíblicos em *HaKol*”, embora o jornal tivesse, justamente, uma seção sobre “A sabedoria da Mishna”). O folhetim, seção indispensável de qualquer jornal popular, intitulava-se “*Kol Aleh Nidaf*” [*Voz da folha levada*] e consistia em um texto satírico sobre os jovens presos nas redes do social-niilismo e sobre o terror que eles produziam na gente de bem.

¹² *Ibid.*, p. 337.

Desde o primeiro número, percebia-se que Rodkinssohn não se importava com a “pureza” da língua hebraica. Sua própria linguagem era confusa, cheia de ornamentos, com citações do *Zohar* [*O livro do esplendor*], de um lado, com expressões do iídiche e erros gramaticais, de outro. *Haqol* continha vários níveis de expressão escrita, variando conforme o nível dos diferentes autores. O resultado era uma abordagem “popular” da língua, na qual a linguagem falada poderia servir de meio para atrair aqueles que antes não liam os jornais hebraicos. Essa abordagem era comum aos diversos criadores de jornais “populares” em outras línguas (ainda que o hebraico, especificamente, se encontrasse em um estágio de desenvolvimento anterior em sua adaptação ao jornalismo). Era uma abordagem que também convinha à concepção ideológica dos socialistas. Assim, os autores próximos dessa corrente também poderiam escrever no jornal utilizando um hebraico perfeito, sem que isso se opusesse à publicação de textos de nível “inferior” na página ao lado. Essa concepção, que buscava chegar a um tom popular o mais amplo possível sem necessariamente acrescentar à função social da imprensa um papel no desenvolvimento da língua hebraica, foi formulada por A. Sh. Lieberman em um folheto que anunciava a criação da revista *Haemet* [*A Verdade*]. Ele explicava ali que aceitaria publicar artigos em sua revista hebraica “sem prestar atenção na língua e em sua pureza”.¹³ Lieberman também passou o fim de seus dias nos Estados Unidos.

O primeiro número de *Haqol* foi publicado no dia 8 de agosto de 1876, e o jornal foi entregue gratuitamente aos assinantes até o novo ano judaico. Este fato só ocorreu devido a um acontecimento inesperado, produzido pelos seus concorrentes *Hamaggid* e *Halevanon*, que haviam se esforçado para “revelar a personalidade moralmente duvidosa” do novo editor. Assim, muitas pessoas que tinham dado dinheiro antecipadamente a Rodkinssohn, confiando no exemplar de teste (e esta era uma operação destinada a financiar a feitura dos primeiros números), pediram o reembolso. Rodkinssohn decidiu, então, antecipar a data de lançamento do jornal, e escreveu no alto da capa do primeiro número: “Percebemos que o tempo de espera estava longo para os que, há dois meses, pagaram antecipado um ano de assinatura [...] Atendemos ao seu pedido e decidimos dar à luz *Haqol*.” O jornal trazia também informações sobre a bolsa de Königsberg, poe-

¹³ LIEBERMAN, A. Sh. *Haemet*. Tel Aviv: Editions Archion Haavoda, 1938. p. 3.

mas (numa seção especial chamada *Kol Yeshorer*), histórias de homens ilustres, histórias “agradáveis”, relatos de viagens e uma seção necrológica. A oitava e a última página reuniam anúncios publicitários.

Rodkinsohn escrevia, sobretudo, em *A Voz do Povo*, jornal iídiche que ele publicava paralelamente, com o objetivo de criar um “império” da imprensa popular. Talvez também desejasse que os leitores passassem de uma língua à outra. No jornal hebraico trabalhavam alguns jornalistas memoráveis, tais como Mordekhai Ben Hillel Hacohen e Yaakov Rabinovitch, sendo os demais membros da redação basicamente iniciantes ou jornalistas que não tinham conseguido se integrar em outros jornais. O primeiro número começava na seção *Hazout Haqol* [Ponto de vista de *Haqol*], com um artigo político do próprio Rodkinsohn (aparentemente traduzido de um jornal russo), que tratava da guerra dos Bálcãs de maneira abertamente antiturca. Rodkinsohn queria com isso atrair para si a simpatia da censura russa a fim de que ela não criasse dificuldades na difusão do jornal entre seu público principal. Vinham, em seguida, a seção *Hadashot Shonot* (*Informações variadas*), duas cartas, uma seção científica, o começo de uma história traduzida do alemão sobre casos de milagres e o folhetim do editor, assinado com o pseudônimo Yöel Mikhal Kuperman (Rodkinsohn utilizou ainda outros nomes falsos, como Plimo Ben Alexander e Shalmanesser). A orientação geral, talvez porque fosse impossível ser diferente, era no sentido da diversão, mais do que do aprofundamento. Os artigos eram superficiais, cheios de equívocos, com nomes mal escritos e erros de ortografia, o que provocou a crítica de intelectuais, apesar do interesse suscitado pelo jornal. Rodkinsohn precisava de um redator profissional e de autores com bom nível. Para consegui-los, ele fez concessões.

O escritor Eliahou Wolf Rabinovitch (O”r), que na época era um jovem intelectual, estudante em Königsberg e socialista, descreveu seu primeiro encontro com Rodkinsohn quando este lhe propôs um trabalho como redator-adjunto de *Haqol*.¹⁴ Em suas palavras, ele não colocou condições a Rodkinsohn quanto ao salário ou às condições de trabalho, apenas lhe fez uma única pergunta sobre a orientação do jornal. Rodkinsohn respondeu: “*Haqol* foi criado para combater os *nigalisten* [os niilistas revolucionários].” O”r lhe disse que, neste caso,

¹⁴ RABINOWITCH, Eliahu Wolf. C’est ainsi qu’on écrit l’histoire chez nous. *Haolam* 52, Londres, p. 1.023, 1927.

Rodkinsohn tinha escolhido a pessoa “errada”, pois ele julgava a si próprio “meio niilista”. Rodkinsohn, então, respondeu de modo muito esclarecedor: “Agora não quero voltar atrás. Se você não puder combater os *nigalisten*, então os defenda.” Este exemplo de extrema “objetividade” – ou oportunismo – revela como o jornal se transformou em tribuna socialista. Para o leitor, esse foi um gesto em prol da liberdade de expressão, o que intensificou a imagem “popular” do *Hakol*. O”r tinha a tarefa de escrever e traduzir boa parte do jornal. Ao menos, ele o fazia em bom hebraico, mesmo que seus artigos fossem “inconstantes”, para o gosto dos críticos. Chegava-se à quantidade em detrimento da qualidade. Os artigos vindos de fora não eram revisados nem “melhorados”, o que levava a crer que eles tinham sido escritos pela redação. Os artigos dos correspondentes, mesmo iniciantes, eram impressos quase sem revisão. O jornal também não respeitava a sacrossanta divisão em seções e, nesse aspecto, dava um passo adiante na direção da imprensa moderna de sua época, que tinha abandonado a divisão e a hierarquia das seções e deixava o leitor escolher o que quisesse ler a partir dos títulos. Contudo, o jornal se apresentava ainda como um livro, o que não tornava a sua leitura mais fácil. Os textos dos correspondentes ficavam espalhados em diferentes seções, em várias partes, e nem sempre eram publicados de maneira regular. Essa confusão acentuava o aspecto de “diversão” e de “objetividade” do jornal. O próprio O”r declarava que seu objetivo não era “aperfeiçoar” a imprensa hebraica, nem “desenvolver o bom gosto”. Ele desejava usar o espaço para as suas ideias políticas e, por isso, aceitava sem relutar o aumento de trabalho que lhe impunham. Foi assim que as características da imprensa “popular” se impuseram no *Hakol* sem necessariamente serem desejadas.

Em 1877, depois do brusco término de *Haemet* em Viena, Rodkinsohn criou em seu jornal um suplemento de orientação socialista e confiou a direção dele, por medida de segurança, a Moris Wintchewski, que publicou, entre outras coisas, uma série sobre a situação dos trabalhadores nos Estados Unidos.

Rodkinsohn praticava uma espécie de “acerto de contas” com outros editores de jornais, sobretudo com Zilberman e *Hamaggid*, ao qual ele dedicou diversos folhetins, escritos em uma linguagem mesclada com o aramaico do *Zohar*, que ele dominava muito bem. Sua seção de cartas *Kol Anout* servia como espaço para atacar sem piedade seus detratores, e ele publicava cartas completas, para justificar a violência de suas reações. Insultava pessoas ilustres em folhetins ousados

– na seção de “Folhas carregadas pelo vento” –, que não hesitavam em investigar a vida sexual de Noé, em vez de tratar de debates sociais de cunho mais nobre. Também havia ali artigos provenientes de cada lugar onde pudesse haver um judeu. Rodkinssohn manifestou um entusiasmo enorme com seu próprio sucesso em um editorial chamado “Reflexões de fim de ano” (no fim do terceiro ano, n. 55). Nesse texto, ele criticava seus concorrentes e enumerava cada uma das tentativas feitas de acabar com o jornal:

Muitas pessoas me odeiam e me excluem [...] elas tentam de todos os modos me calar, a fim de que minha voz não se faça mais ouvir.

Ele conta que a polícia de Königsberg havia recebido cartas de Varsóvia e de Vilnius, as quais diziam que “era uma vergonha para a Alemanha a presença de um homem desse tipo em seu país”. Logo ficaria claro que não se tratava de mania de perseguição. De maneira paradoxal, a briga que levou ao fim da primeira versão do *Hakol* teve início com um parágrafo do artigo em que Rodkinssohn felicitava os redatores de seu jornal e esperava que eles continuassem “ajudando seu povo com artigos entusiasmados, que pudessem ampliar o espírito e alimentar o corpo”. No topo dos autores citados, ele citou Alexander Zederbaum, que havia, na época, retomado a publicação do *Hamelitz*, levando de volta para lá diversos autores, como Lilienblum, Yehalel e Sharshevski. Zederbaum escreveu a Rodkinssohn dizendo que havia autorizado a publicação de seu artigo com a condição de “nunca ninguém saber” que ele era o autor, e que nunca lhe havia dado permissão para mudar o combinado. Em seu próprio jornal, Zederbaum justificou a colaboração para o *Hakol* dizendo que ainda “não sabia com quem estava lidando” (1878, n. 13). Ele considerava o fato de ter escrito nesse jornal como um atentado à sua honra. Segundo as regras da imprensa alemã, Rodkinssohn publicou a carta de Zederbaum e também o parágrafo citado do *Hamelitz*. Ele acrescentou observações e esclarecimentos que, em sua quase totalidade, atacavam o caráter de Zederbaum, usando citações e testemunhos negativos sobre ele. Zederbaum decidiu, então, declarar uma guerra sem misericórdia ao seu concorrente. E como na guerra vale tudo, não hesitou em empregar uma arma inabitual (e até proibida, como se sabe, pela ética judaica): conseguiu obter um arquivo completo com as complicações

judiciais de Rodkinsohn, do tempo em que ele era um homem de negócios na Rússia. Para não fazer uma “delação direta”, publicou os dados em uma página inteira, em caracteres Rashi, ordenados do seguinte modo:

Não fui eu que tive a honra de ser citado no jornal (de 17 de agosto de 1875, n. 177), como tendo sido julgado no dia 19 desse mesmo mês pela primeira divisão do tribunal distrital [...] por fraude e roubo [...] Não fui tampouco o assunto da correspondência que os conselheiros do prefeito da cidade imperial (21 de janeiro 1876, n. 12461) mandaram ao procurador de Vilnius solicitando-lhe que aplicasse o veredito anunciado contra mim [...]

O ato de Zederbaum despertou a fúria dos autores, tanto os radicais quanto outros, que expressaram seu apoio a Rodkinsohn, colaborando ainda mais com o seu jornal e boicotando o *Hamelitz*. Lilienblum, Yehalel, Kaminer, Bem Netz, O”r, Sharshivski e outros continuaram a escrever regularmente no *Hakol*, e os leitores permaneceram fiéis ao jornal.

Outro equívoco de Zederbaum: quando o *Haemet* fechou em Viena, ele publicou um artigo acusando seu editor, A. SH. Lieberman. Este foi preso e só foi solto um mês depois, graças à intervenção de vários escritores judeus ilustres, encabeçados por Smolenskin, justo quando ele corria o risco de ser extraditado para a Rússia, onde era perseguido por atividades subversivas. No número 21 do *Hamelitz* (1878), Zederbaum escreveu, satisfeito, que o editor do “jornal em hebraico dos niilistas dirigido aos jovens na Rússia” foi preso e “não será inocentado pelos seus enormes crimes”; falava ainda sobre o uso de um nome falso, de subversão etc. Como reação, Kaminer convocou um “boicote” ao *Hamelitz*, nos seguintes termos: “Este homem não é dos nossos, não devemos fazer trocas comerciais com ele.” Os melhores autores seguiram seus conselhos e trocaram o *Hamelitz* pelo *Hakol*, em que a influência dos socialistas era predominante. De tempos em tempos, para atender à exigência de “objetividade”, Rodkinsohn se encarregava de expressar uma opinião contrária e de advertir seus leitores. Ao longo do quarto ano, ele explicou: “Na condição de editor, temos o dever de mostrar os pontos negativos das opiniões dos niilistas e de combatê-los com todas as nossas forças.”

Contudo, os adversários eram mais fortes. Segundo Rodkinssohn, o jornalista Egraïm Deinard (que continuaria a combatê-lo quando os dois estivessem nos Estados Unidos) denunciou-o às autoridades, seguindo a iniciativa de Zederbaum (1879, n. 36-37). Rodkinssohn foi detido durante três semanas, teve sua residência investigada e acabou adoecendo. A censura criou-lhe mais e mais dificuldades, sem dúvida em função de alguma ordem vinda de cima.

Ben Netz sugeriu a Rodkinssohn que retomasse a periodicidade semanal (1879, n. 49-50). Ele escreveu:

Haqol é um jornal cheio de vivacidade, não um cemitério com belas lápides, nem uma casa grande e alta, porém os assinantes [...], esses assinantes e leitores que leem o hebraico, que amam a “língua sagrada”, estes amam ainda mais os seus maços de notas.

Em sua opinião, a experiência de uma imprensa “popular” em hebraico tinha fracassado, o leitor de hebraico ainda não era “popular” o bastante.

Os distribuidores de Rodkinssohn aproveitaram a ocasião para atrasar os pagamentos. Ele tentou mobilizar os seus leitores, como tinha mobilizado os autores (com uma “chamada de auxílio” nos números 40 e 41, em 1879). Porém o jornal já não saía mais regularmente e, por fim, no número 51, ele anunciou que retomaria a periodicidade semanal até que “a tempestade se acalmasse”. Mas mesmo nesse período difícil, pôde-se ler uma série de artigos de Nahum Sakolow – antes que este começasse a escrever para o *Hazefira*. Foi nas páginas de *Haqol* que Sokolow lançou pela primeira vez a tese de que a opinião pública podia ser moldada por meio da imprensa. Em seu artigo “A opinião pública entre nós” (1º de outubro de 1879, n. 61), ele concluía que “não temos uma opinião pública”. A imprensa devia criá-la junto a um público desprovido de opinião:

[...] pois a literatura dos jornais é o espaço mundial no qual a opinião pública vai nascer [...] Ela é a fonte de água para regar os homens de ideias diferentes, da qual a vida extrairá novas percepções. Ela deve educar a sociedade na direção da sabedoria, ensinar-lhe a lei, falar ao pé do ouvido sem perdão.

Simon Bernfeld assumiu as funções de editor-adjunto em 1880, mas depois de um curto período deixou São Petersburgo para morar em Elk, onde foi contratado pela redação do *Hamaggid*. Rodkinssohn foi para Berlim, onde publicou a última edição do ano. Ele tentou a sorte, em seguida, trocando o nome do jornal em Berlim e em Hamburgo – *Haḳol* passou a ser chamado *Hamedaber* ou *Hahozé*. Em 1885, *Haḳol* ressurgiu em Viena, quase sem notícias e dedicado principalmente à filosofia judaica, mesmo que o lema do editor fosse sempre aceitar os artigos “sem diferenciar partidos ou opiniões”. Depois de imigrar para os Estados Unidos, Rodkinssohn voltou a publicar o *Haḳol* em Nova York entre 1889 e 1890. A última edição apareceu em Chicago em 24 de setembro de 1893.¹⁵

Tradicionalmente, as mudanças no subtítulo do jornal expressam uma mudança de conteúdo ou, pelo menos, nas intenções do editor. Em Nova York, a partir de 29 de março de 1889, a tônica passou a ser a da continuidade: a numeração dava sequência à das edições europeias e, além disso, o subtítulo destacava esse aspecto (buscando dirigir-se aos imigrantes). “Jornal literário e político sobre a vida e a crítica do mundo que abarca toda a Europa e a América será publicado (por ora) uma vez por semana” – a Europa esteve, portanto, sempre presente, reforçando o transnacionalismo da imprensa hebraica.

O lema do jornal se transformou: “Solte o grito preso na garganta sem poupar forças, faça da sua voz um trompete.” Mas o velho lema também foi retomado. O título em alemão ficou ao lado do título em inglês, que não era uma tradução exata, mas uma ressonância que convinha ao lema: *The Call*. O título se transformava, assim, em *Kol Meir (The City Call)* ou *Kol Haet (Voz do tempo)*.

O ano de 1889 marcou o começo do “período de crescimento” da imprensa hebraica nos Estados Unidos.¹⁶ Três grandes jornais começaram a ser publicados: *Haḳol*, de Rodkinssohn, *Haleumi [O Nacional]*, do seu denunciador, Efraim Deinard, e *Hapisga [O Cume]*, de Zeev Shor, que combatia os outros dois. Os três irmãos inimigos eram antigos conhecidos dos leitores americanos, os “*Maskilim*”, que liam a imprensa hebraica em seus países de origem e desprezavam o iídiche.

¹⁵ BRODY-ZELDNER, Zipora. Les journaux juifs en Amérique. [Em hebraico]. *Hadoar* 12, p. 221.

¹⁶ MALACHI, A. R. 75 ans de la presse hébraïque en Amérique. [Em hebraico]. *Sefer ha-Shana*. Nova York: Shulziger Bros, 1950. p. 665-669.

Rodkinsohn optou por uma continuidade da abordagem “objetiva” que, aos seus olhos, tinha naturalmente uma “inspiração americana”. “*Haḳol* não intervirá nas questões comunitárias, sectárias ou partidárias”, escreveu ele no primeiro editorial. “Não vamos tender, nos inclinar ou preferir um em detrimento do outro. *Haḳol* não deseja aprofundar as controvérsias; seu objetivo é tentar, com todas as forças, aproximar e unir os apartados”. Referia-se, aí, às congregações religiosas, aos ortodoxos e reformistas. Os últimos, de fato, foram fiéis a ele, intelectual e financeiramente. Mas ele aprenderia, às suas próprias custas, que esse tipo de objetividade não era conveniente às suas ambições jornalísticas, pelo menos não mais do que na Europa. Ele tentou publicar um jornal em iídiche, tarefa na qual se saiu um pouco melhor. Seus jornais tiveram vida curta, e ele compensou isso trabalhando na tradução do *Talmud* para o inglês, o que lhe valeu muitas críticas da parte dos seus detratores.

Deinard escolheu para o seu jornal um lema de fato americano: um espaço livre no qual fosse possível debater “sem tomar partido, em busca da verdade”. Mais do que isso, ele fez com que seu jornal pudesse servir como um tribunal para quem quisesse “vir e fazer justiça”. Sua opção foi pela parcialidade: a linha do jornal era decididamente sionista, e Deinard conduzia ali seus combates políticos e literários. A maior parte de seus colaboradores estava na Europa, eram eles escritores e jornalistas célebres como Kalman Schulman, M. L. Lilienblum, David Cahana, Shlomo Buber, Shlomo Mendelkern, mas também americanos, como Y. Z. Sobel e Y. L. Friedkin.

Shor era um jornalista mais profissional do que seus dois concorrentes: tinha participado da redação do *Hashahar* em Viena, e era ali correspondente do periódico *Hayom*. Ele era lido e conhecido nos círculos nos Estados Unidos que lhe ajudaram a publicar o jornal, e sua linha era claramente sionista. Contudo, ele queria atacar frontalmente seus concorrentes hebraicos, o que foi um desserviço, no fim das contas, porque os leitores americanos acabaram ficando cansados de tantas querelas. Ele foi o único que retomou o próprio jornal em Nova York, em 1890 (Rodkinsohn tentou o exílio em Chicago três anos mais tarde, porém igualmente sem sucesso.). Ele retomou, com mais força ainda, a retórica sionista, que atraía para si oponentes de diversos campos. No entanto, reagia também à atualidade do judaísmo americano, principalmente contra aqueles

que desprezavam o judaísmo da Europa do Leste. Havia ali, sempre, um “laço” europeu.

Ao se estabelecerem no continente americano, os jornalistas hebraicos europeus procuraram aplicar, obtendo nisso maior ou menor sucesso, os princípios do jornalismo “à americana”, tal como o compreendiam e praticavam na Europa. Para isso, levaram uma grande bagagem social, cultural e intelectual europeia, do tempo em que a Europa era ainda o “centro cultural” declarado do mundo judaico. No entanto, essa situação se transformaria rapidamente.